

## UMA LEITURA ARQUEOLÓGICA SOBRE O CORPO NOS MANUAIS DE MORAL E HIGIENE FRANCESES

F. DE A. R. CAVALCANTI<sup>1</sup>, R. W. C. LOPES<sup>2</sup>  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará<sup>1,2</sup>  
ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2834-2312><sup>1</sup>  
[francisco.cavalcanti@ifpa.edu.br](mailto:francisco.cavalcanti@ifpa.edu.br)<sup>1</sup>

Submetido 18/01/2021 - Aceito 13/02/2021

DOI: 10.15628/holos.2021.11901

### RESUMO

Apresentamos a resenha da obra:

Gleyse, J. (2020). *O verbo e a Carne*: Uma arqueologia do corpo nos manuais franceses de moral e higiene. Tradução: Avelino Aldo de Lima Neto, Bruno Medeiros Roldão de Araújo, Cláudia Emília Aguiar Moraes. 1. ed. São Paulo: LiberArs, 2021. 224 p. ISBN 9786586123760.

**PALAVRAS-CHAVE:** corpo, manuais, arqueologia, moral, higiene

## 1 APRESENTAÇÃO

A resenha que ora apresentamos versa sobre a edição traduzida para português realizada pelos professores Avelino Aldo de Lima Neto (IFRN), Bruno Medeiros Roldão de Araújo (UFCG) e pela pesquisadora Cláudia Emília Aguiar Moraes, da obra publicada pelo Editora L'Harmattn de autoria do professor Jaques Gleyse da Université de Montpellier II, e que no Brasil recebeu o título "O verbo e a Carne: Uma arqueologia do corpo nos manuais franceses de moral e higiene", sendo publicado pela Editora LiberArs.

Neste trabalho, o professor Gleyse apresenta de forma rigorosa e com o olhar atento à complexidade dos discursos, tomando como referência metodológica a escrita paciente e a minúcia da arqueologia, inspirada em Michel Foucault, como os manuais de moral e higiene franceses do final do século XIX ao final do século XX, estão vinculados a aspectos do comportamento e da docilização dos corpos e pensamentos desde os anos iniciais da educação escolar, seja pelo anúncio do controle dos vícios e pecados, sugerindo uma preocupação com a intimidade, seja pela preocupação de determinar como os corpos devem se comportar e o que os sujeitos devem desejar no mundo público, julgando assim que um "bom costume" e o controle a ele vinculado resulta necessariamente em um "bem" moral e estético.

O livro está organizado em quatro capítulos assim intitulados: I. A preservação da Carne; II. Excesso da carne: o verbo perdido; III. O controle da carne pelo verbo; IV. Conciliações do verbo e da carne.

### I. A PRESERVAÇÃO DA CARNE

Neste capítulo o autor aborda a questão da "preservação da carne" sob quatro aspectos: o suicídio, o asseio, a sobriedade e a temperança no beber e no comer.

Ao analisar em seu primeiro tópico como abordam os citados manuais morais a questão do suicídio, destaca-se de início os diferentes modos indicados por Émile Durkheim na obra "*O Suicídio: estudo de sociologia*", quando afirma que podemos atentar contra a própria vida movidos por motivos egoístas, altruístas, anômicos ou fatalistas, ratificando ainda que a pesquisa durkheiminiana não é o único elemento que permite compreender a presença da temática do suicídio nos manuais.

A vinculação do modo como as religiões tratam da temática do suicídio é apresentada de modo diverso entre o Cristianismo e a versão xiita do islamismo. Na primeira o suicídio é visto como uma forma de esquivar-se da vontade divina e na segunda, ainda que prime pelo respeito a vida como um dever para com Deus, considera a possibilidade da dignidade de alguém atentar contra a própria vida por um motivo heroico.

Os manuais apresentam ainda a possibilidade do suicídio ser interpretado como resultantes de um fracasso do sujeito humano e uma grave falta moral, seja pelo prisma religioso ou pelo republicano, explicando a diferença entre "morte voluntária sobrelevada pelo dever, pela pátria e pela liberdade" (p. 30), indicando este último como uma morte gloriosa, um sacrifício pelos outros.

Ao concluir o primeiro tópico “suicídio” o Prof. Gleyse arremata que em todos os manuais de ética, podemos diagnosticar a existência do dever no contexto da definição do micropoder - neste caso, pode ser mais adequado falar de um macropoder, nomeadamente, o macropoder da vida e da morte e que segundo os conceitos morais da época, isso era considerado um lento ataque à vida.(p.37).

O asseio interno e externo é apresentado na pesquisa como uma convergência entre higiene e moral, revelando com os manuais apresentavam que era necessário ser “higiénico não somente para si mesmo, mas também para os outros.”(p.37), sugerindo ainda que a classe trabalhadora é um risco pois “não se lavam suficiente e não evitam os micróbios” (p.38), sendo deste modo vetores de epidemias e pandemias, estabelecendo uma relação entre a educação, corpo e comportamento como forma de dever moral.

A sobriedade é abordada na pesquisa dando destaque inicial para a questão da diferença conceitual entre sobriedade nos dicionários atuais e como era conceituada nos livros didáticos do fim do século XIX, quando a atenção estava direcionada para a alimentação e para os “malefícios dos abusos de certos nutrientes e de certas bebidas”(p.59), distando-se do conceito de estrito de temperança, nesse contexto basicamente vinculado ao consumo de bebidas alcoólicas, sendo posto por um dos manuais datado de 1887 “a embriaguez como a forma mais vergonhosa de intemperança”(p.60). Por outro lado, mesmo para crianças, estar sóbrio é sinônimo de autocontrole e saúde: “A criança sóbria come pouco, de acordo com seu apetite e somente nos horários das refeições. [...] Crianças, sejam sóbrias, porque a sobriedade conserva a saúde do espírito e do corpo” (p.63). Para o autor, “mais que a sobriedade nutricional, visa-se em última instância à contenção da animalidade e, portanto, ao processo civilizatório construtor de um Supereu, controlador das pulsões animais do Id.” (p.64).

A temperança no beber e no comer nos manuais de higiene e moral estão associadas especialmente ao consumir com moderação bebidas alcoólicas, pretendendo de modo científico demonstrar os “danos biológicos provocados pelo abuso do álcool”(p. 72), mas fazendo também uma associação aos princípios religiosos cristãos (católicos) que fazem a temperança aparecer como uma virtude. Assim, a temperança acaba por ser vista pelo autor como “sistema de controle, um micropoder desenvolvido pelos manuais de moral e de higiene com vistas a purificar o ser humano de seu sistema de pulsões e de desejos, tornando-o, paradoxalmente, um asceta racional e moderado.” (p.79).

O autor conclui o capítulo sugerindo que o “empreendimento desses manuais, assim como o dos breviários, talvez se vincule, assim, à fabricação de ‘anjos’. Trata-se de substituir e incutir a paz, a calma e a regularidade do ‘verbo’ na ‘carne’ viva e pulsional, no corpo, nos ossos e nos nervos, nesse conjunto sem razão, sem lógica e sem controle.”(p.84).

## II. EXCESSO DA CARNE: O VERBO PERDIDO

No primeiro tópico do capítulo II, o autor tematiza a *embriaguez, o alcoolismo e o absinto*, buscando por demonstrar, por um lado, como os manuais escolares de higiene e de moral, nas primeiras décadas do século XX, funcionavam como verdadeiros agentes do sistema de controle;

e por outro lado, como o esporte vai, aos poucos, tornando-se o “contraveneno do álcool e da embriaguez”, uma vez que o exercício físico, assim como o trabalho, dignifica o homem e o constitui de “virtudes moralizadoras”. Seguindo a tese de Mary Douglas, o autor faz notar que o álcool, nos manuais, é um tabu, e o bêbado é um transgressor que com sua barafunda dionisíaca faz a “carne” romper com a normalização do “verbo”, deslocando-a. O abuso de “álcool forte”, segundo os manuais, propicia a perda de controle e de autocontrole, e como consequência reduz e volve o humano à sua condição de animalidade, manifestando em seus comportamentos antissociais a bestialidade de sua alma viciosa. Concebido como hereditário, o mapeamento do alcoolismo delimitava o bom e o mau francês nos livros de moral, articulando a relação entre miséria e alcoolismo, entre a classe trabalhadora e a bebedeira. Sem dúvida, uma moral burguesa que considerava o proletariado alvo de ações civilizadoras contra a preguiça, doenças, contágios, crimes e suicídios. Duas direções tomaram a defesa da cura para a embriaguez e o alcoolismo: o ensino antialcoólico para todos e as mudanças dos modos domésticos das mulheres. Quanto mais prendada e dócil fosse a mulher no âmbito doméstico, mais harmoniosos e pacíficos seriam os comportamentos dos filhos e dos maridos, fora de casa. À mulher fora atribuída a responsabilidade dos bons ou maus comportamentos dos homens. Conclui o autor: “os mais desfavorecidos entre os desfavorecidos são estigmatizados.” (p.28).

Com menos intensidade, a *gula*, foi assunto dos manuais para o controle do corpo, sempre associada à questão da virtude da temperança e ao vício da intemperança, colocando a glotonaria ao nível de um suicídio moral do indivíduo guloso. A gula, para os manuais, é um defeito vil mesclado à vergonha e à feiura que deve ser corrigido pelo justo equilíbrio entre a abnegação e a ascese. Um vício que põe em evidência, de maneira maniqueísta, a pessoa boa e a pessoa má, tratando-se de seus pequenos defeitos.

### III. O CONTROLE DA CARNE PELO VERBO

Ao apresentar no capítulo terceiro o “controle da carne pelo verbo” nos manuais de moral e de higiene franceses o autor lança foco sobre a “ira e a paciência”, a “ordem e a desordem”, o “dever do trabalho” e a “coragem física e moral”.

Naqueles manuais a ira e a paciência são vistos inicialmente sob a ótica do pecado, onde a paciência é a virtude necessária para o superar o pecado da ira que provoca toda sorte de prejuízos por resultar de uma ausência de controle dos excessos do sujeito sobre seus atos, descrevendo-a como “uma forma passageira de loucura”(p. 123), retomando a leitura de Foucault em *História da loucura da Idade Clássica* e no curso *Os Anormais*. Para Gleyse, “Certamente, o micropoder em ação nos manuais escolares não está vinculado a uma demonstração racional ou a uma verificação factual, mas sim à instituição de regras de funcionamento social.” (p. 125). Deste modo, todos os aspectos apresentados parecem estar interligados: “intemperança, embriaguez, ira, assassinato” (p.125).

O autor chama atenção para a técnica empreendida nos manuais morais, citando especialmente a obra intitulada “Viagem de duas crianças pela França” (p.127) de Augustine Fouillé que ratifica a dicotomia maniqueísta de oposição absoluta entre os contrários, grosseria e

paciência, demonstrando a superioridade da segunda sob a primeira e proclamando um verdadeiro controle um "limiar do tolerado e do intolerável, do Totem e do Tabu" (p.129).

Os temas da ordem e da desordem são apresentados como presentes em todos os manuais de moral e em alguns manuais de higiene, sendo vinculada a moral no que tange a paz interior provocada pela harmonia garantida a quem é capaz de viver uma vida pautada pela ordem e pela disciplina, do mesmo modo nas obras de higiene a ordem aparece sob "o prisma da limpeza"(p. 133), que se manifestam de modo "místico, ideológico e transcendental: a ordem é o bem" (p.135).

O trabalho é visto de modo diverso nos manuais. Entendido diversas vezes como um "castigo" ou "maldição" para a humanidade desde sua origem etimológica "tripálium" (espécie de cruz formada por três varas unidas por pontas equipadas com flechas de ferro e espaçadas nas bases, formando um tripé, que era usado para bater os grãos e posteriormente se tornou um instrumento de tortura). No tópico que trata da questão do trabalho, o autor afirma que "A promoção do trabalho é, de todo modo, uma constante, tanto nos livros de higiene quanto nos de moral. As justificativas são múltiplas: morais, higiênicas, racionais e científicas, biológicas, psicológicas, sociais, econômicas etc."(p.142), destacando que tais manuais de moral e higiene "entram em sinergia, constituindo, no que diz respeito ao corpo, um duplo sistema de controle e um biopoder ou um micropoder" (p. 149) e nesse controle a escola é o *lócus* onde "o verbo controla a carne ou procura adestrá-la". (p.158).

A coragem é mais um tema caro aos manuais destacando a atenção para a prudência e o cuidado para que a coragem não seja inconstante, trata-se de uma "coragem altruísta" (p.159), associando a temática tanto à "perspectiva secular quanto à religiosa" (p.159), sempre valorizando o agir com sabedoria e superação o medo, ou seja, "trata-se de lutar contra a carne que grita o seu pavor"(p.165) ou de um "controle e domínio de si face a uma emoção primária"(p.167).

#### IV. CONCILIAÇÕES DO VERBO E DA CARNE

Para os manuais, analisados pelo autor, muitos são *os prazeres saudáveis* que promovem "condutas e controles corporais", isto é, "a incorporação de valores" morais. Firmando-se em Bourdieu, autor considera que uma prática corporal testemunha um mundo axiológico e ideológico. Assim, importam destacar duas visões ideológicas sobre o corpo: 1) *citius, altius, fortius* (mais rápido, mais alto e mais forte), atribuída a Pascahl Grousset (1844-1909), que produziu uma "religião do excesso", tomando o corpo como um verbo, um "símbolo" entre a "matéria e a linguagem-pensamento [...] uma moral em ação"; 2) *mens sana in corpore sano*, desenvolvida por Philippe Tissie (1852-1935) que concebia o exercício físico para todos, especialmente para os mais fracos. Nesse ponto, é preciso distinguir o "exercício físico" do "esporte". Esporte é concorrência cujo vencedor figura o "campeão" e cuja melhor marca estabelece o "recorde". Em exercícios físicos tais conceitos, "campeão" e "recorde", não se aplicam. A Educação física nos currículos escolares obrigatória a partir de 1959, com a função de disciplinar as posturas corporais, faz de as correções dos corpos equivaler-se às correções da alma. Uma luta contra certos impulsos da adolescência: masturbação e a lascívia na puberdade. O currículo escolar pretende que a razão domine os instintos corporais, instrumentalize o corpo. Racionalize o corpo tornando-o disciplinado e "dócil". Pelo *exercício físico*, antes chamado de "ginástica", tem-se a racionalidade

de micropoderes: o exercício para fortalecimento do corpo na busca por equilíbrio entre corpo e mente; e o exercício da mente (alma) sobre o corpo, reforçando o controle da mente sobre o corpo, vigiando-o e o tornando obediente. Como diz Jacques Gleyse: “o verbo dita a sua vontade à carne.”

As orientações contidas nos manuais para a *educação física das meninas* produzem o que hoje nomeamos de “estereótipo de gênero” em duas etapas: a primeira desenvolve a ideia que os exercícios moderados favorecem à procriação tornando as mulheres mais aptas para esposas e mães. Na segunda etapa, os esportes, inicialmente proibidos às meninas, poderão ser por elas praticados sob escolhas cujas nocividades ginecológicas não as causem danos. O agravante é que nas meninas são encontrados os maiores ocorrências de escolioses que nos meninos. As meninas, segundo as estatísticas da época, eram mais tortas e defeituosas que os meninos. Logo, tendiam mais aos vícios corporais que os meninos. É preciso endireitar o corpo, assim como analisaram Michel Foucault (1975) e Georges Vigarello (1978), porque o humano é *homo erectus* e não pode curvar-se como os animais sobre quatro patas. É preciso controlar, vigiar e disciplinar os corpos das meninas. Visivelmente, esse endireitamento dos corpos é largamente afetado, também ele, por estereótipos de gênero. Nessa batalha do verbo contra a carne, as mulheres estão na linha de frente em termos de controle ortopédico.

Após explicar a mudança de nomenclaturas e suas implicações semânticas no que se referem ao controle do verbo sobre a carne, ou seja, da *ginástica* à *educação física*, da *educação física* à “*cultura física*” e desta ao *esporte* para o “o bom funcionamento da 'máquina animal'” (p. 195), o autor percebe que o corpo nada mais é que um exercício estereotipado segundo os modos de controle e de qualidade psicossociais. Nesse sentido, “[...] as 'regras' do esporte impõem suficientemente as normas do verbo à carne” (p.203) tornando o esporte “[...] uma moral em ação [...] Na prática, torna-se uma virtude transformada em ato” (p. 204)., assim, numa paráfrase à Foucault, o autor entende que “o esporte se manifesta, então, como um sistema de controle extremamente ativo e eficiente, contendo tanto o prazer da prática quanto o controle do próprio corpo, a ascese.”, inclusive da criança (p. 207). Portanto, conclui o autor: “o exercício físico, a ginástica, a educação e o esporte, em suas modalidades peculiares, são as testemunhas mais proeminentes do desejo do verbo de se enraizar na carne, de controlá-la, moldá-la, domá-la e dominá-la. Não obstante deem a impressão de libertar o corpo do jugo da intelectualidade e da imobilidade, essas práticas, na verdade, afirmam e aprofundam o sistema de controle”. (p.209).

## REFERÊNCIAS

Gleyse, J. (2020). *O verbo e a Carne: Uma arqueologia do corpo nos manuais franceses de moral e higiene*. São Paulo: LiberArs.

### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

Cavalcanti, F. de A. R., Lopes, R. W. C. (2021). Uma leitura arqueológica sobre o corpo nos manuais de moral e higiene franceses. *Holos*. 37(2), 1-7.

**SOBRE OS AUTORES****F. DE A. R. CAVALCANTI**

Possui graduação em LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA pelo Instituto Salesiano de Filosofia (2007) e MESTRADO EM EDUCAÇÃO pela Universidade Federal de Pernambuco (2010). Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cultura, Educação e Política (GICEP-IFPA). Membro do Colegiado da Seção de Ciência Humanas (IFPA, campus Belém). Membro do Colegiado do Curso de Graduação em História (IFPA, campus Belém). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Teoria e História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, cidadania, política, cultura e sociedade.

E-mail: [francisco.cavalcanti@ifpa.edu.br](mailto:francisco.cavalcanti@ifpa.edu.br)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2834-2312>

**R. W. C. LOPES**

Doutorando em História Social da Amazônia (UFPA), Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Estadual do Pará (UEPA-2013). Especialista em Ciências da Religião, Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES-2007), Licenciado em Filosofia pela Faculdade Pan-americana (FPA/IPAR -2012), Licenciado Pleno em Ciências da Religião pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA/IPAR-2003). Professor do Instituto Federal do Pará (IFPA). Sócio da Classe dos Efetivos do Instituto Histórico e Geográfico do Pará (IHGP-2017), Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cultura, Educação e Política (GICEP-IFPA). Membro do Colegiado da Seção de Ciência Humanas (IFPA, campus Belém). Membro do Colegiado do Curso de Graduação em História (IFPA, campus Belém). Membro do Grupo Pesquisa em História e Ciência do Tempo na Amazônia - HICTA-IFPA.

E-mail: [robson.lopes@ifpa.edu.br](mailto:robson.lopes@ifpa.edu.br)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9401-3827>

**Editor(a) Responsável:** Francinaide de Lima Silva Nascimento

**Pareceristas *Ad Hoc*:** Francinaide de Lima Silva Nascimento

